

Para Sempre Alice

Still Alice

Siempre Alice

Lilian Dias Bernardo Massa | lilian.dias@gmail.com

Universidade Federal do Paraná, Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Curitiba, PR, Brasil.

Lina Rodrigues de Faria | lina.faria@ufff.edu.br

Universidade Federal de Juiz de Fora, Curso de Graduação em Fisioterapia. Governador Valadares, MG, Brasil.



Figura 1: Cartaz do filme.

Fonte: <http://www.infonet.com.br/cinema/ler.asp?id=169876>

Diretores: Richard Glatzer e WashWestmoreland

Elenco: Julianne Moore, Alec Baldwin, Kristen Stewart, Kate Bosworth, Hunter Parrish, Shane McRae, Stephen Kunken, Victoria Cartagena, Seth Gilliam, Daniel Gerroll, Erin Darke, Kristin Macomber, Caridad Montanez

Produção: James Brown, Pamela Koffler e Lex Lutzus

Roteiro: Richard Glatzer e Wash Westmoreland

Autor da obra em que se baseou o roteiro: : Lisa Genova

Título original: Still Alice

Ano: 2014

País de origem: EUA

Gênero: Drama

Cor: Colorido

Duração: 101 minutos

Contribuição dos autores: As autoras participaram, igualmente, de todas as etapas de elaboração do artigo.

Declaração de conflito de interesses: As autoras declaram que não há quaisquer conflitos de interesse.

Fontes de financiamento: Não há.

Submetido: 27.mai.2015 | Aceito: 27.mai.2015 | Publicado: 30.jun.2015.

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Sinopse¹

Alice Howland (Julianne Moore), bem casada e com três filhos adultos, é uma renomada professora de linguística que começa a esquecer palavras. Quando ela recebe um diagnóstico de doença de Alzheimer precoce, Alice e sua família têm seus laços testados pelas dificuldades que passam. Sua luta para permanecer conectada ao que ela era é assustadora, de partir o coração e inspiradora.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer; Identidade; Perdas cognitivas; Relações familiares.

Synopsis

Alice Howland (Julianne Moore), happily married with three grown children, is a renowned linguistics professor who starts to forget words. When she receives a diagnosis of Early-Onset Alzheimer's Disease, Alice and her family find their bonds thoroughly tested. Her struggle to stay connected to who she once was is frightening, heartbreaking, and inspiring.

Keywords: Alzheimer's disease; Identity; Cognitive losses; Family relations.

Sinopsis

Alice Howland (Julianne Moore), felizmente casada y con tres hijos, es una renombrada profesora de lingüística que empieza a olvidar palabras. Cuando ella recibe el diagnóstico de la enfermedad de Alzheimer de inicio prematuro, Alice y su familia tiene sus lazos puestos a prueba a través de las dificultades que pasan. Su lucha para mantenerse conectada a quien ella había sido es asombrosa, desoladora y inspiradora.

Palabras clave: Enfermedad de Alzheimer; Identidade; Pérdidas cognitivas; Relaciones familiares.

Para Sempre Alice

Baseado no livro homônimo da neurocientista norte-americana Lisa Genova, o filme *Para Sempre Alice*, dirigido pelos norte-americanos Richard Glatzer e WashWestmoreland, aborda como tema principal a doença de Alzheimer, uma doença neurodegenerativa que acarreta perdas cognitivas e alterações comportamentais. A autora do livro parte das percepções sobre a doença e descreve as limitações impostas pelo Alzheimer, bem como o impacto dessa condição de saúde sobre os familiares, cuidadores e amigos. No filme, coube a Julianne Moore interpretar a personagem principal, em comovente atuação que lhe rendeu o Oscar 2015 de melhor atriz e o Globo de Ouro.

Para Sempre Alice narra a história de Alice Howland, uma respeitada professora de linguística da Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, mãe de três filhos, que descobre que tem uma doença, ainda sem cura. A trama busca traçar a perda de identidade da Dra. Howland em diferentes dimensões de sua condição humana. Há momentos marcantes e que merecem destaque: o comprometimento profissional de Alice e a questão da identidade perdida; as percepções e incertezas diante da doença; a luta pela manutenção das atividades cotidianas; as reações familiares diante do quadro clínico e as relações de cuidado.

A cena de abertura do filme é a comemoração de seu aniversário, com o marido John (vivido por Alec Baldwin) e os filhos. No brinde aos 50 anos da esposa, John faz um elogio à sua beleza e à sua inteligência. A competência de Alice é reconhecida pela sua brilhante trajetória em pesquisas na área de linguística.

Nas primeiras cenas do filme, a Dra. Howland recebe um convite para uma palestra na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Ela é anunciada com louvores às suas pesquisas e à influência mundial de seu livro no ensino. Durante sua fala, falta-lhe uma palavra e, atribui o esquecimento, de forma irônica, ao uso de álcool. Dando continuidade ao discurso, Alice tenta, com certa dificuldade, fazer-se entender diante da plateia. Mas, o comprometimento da comunicação e da memória já se faz sentir.

Ao retornar para Nova York, durante a realização de atividade física ao redor da universidade em que trabalhava, Alice se perdeu e não reconheceu o espaço que fazia parte do seu cotidiano. O esquecimento de palavras habituais e a desorientação espacial a fazem consultar um neurologista. Após vários testes e exames, um diagnóstico inesperado: doença de Alzheimer de início precoce, uma condição de saúde rara e condicionada ao fator genético.

Ciente de suas limitações, Alice compartilha suas angústias com a família e expõe sua maior preocupação: “[...] Tudo que trabalhei durante a vida toda está sumindo [...] Eu odeio não saber”. Para Alice, o conhecimento, a linguagem e a capacidade de articulação das palavras sempre foram seus maiores aliados, conforme se observa na conversa com sua filha caçula Lydia (vivida por Kristen Stewart): “Eu sempre me defini pelo meu intelecto, minha linguagem, minha articulação. E agora, algumas vezes, eu posso ver as palavras na minha frente, mas eu não as alcanço, e não sei mais quem sou. Eu não sei o que vou perder a seguir [...]” (grifo nosso).

Apesar das limitações, Alice segue sua rotina de trabalho na universidade, mas os momentos de esquecimento são cada vez mais constantes. Parecendo estar num mundo à parte e com olhar perdido, não consegue se lembrar dos temas das aulas. Essas ausências de memória são relatadas pelos alunos na avaliação de desempenho de Alice Howland. A professora se vê pressionada a revelar seu estado de saúde para seu superior imediato, que a afasta de suas atribuições na universidade.

O filme mostra como o valor atribuído ao trabalho influencia a construção da identidade. Alguns teóricos que estudam esse papel ocupacional apontam a capacidade que tem o trabalho de estreitar engajamento, de estabelecer relações sociais no espaço (trajetos cotidianos, lugar de trabalho) e no tempo (horário, turno) e de constituir um símbolo de reconhecimento social¹⁻³. O papel do trabalho é essencial na conformação da identidade das pessoas e para o sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma cultura⁴⁻⁵.

O trabalho é considerado “peça estruturante, ontologicamente falando, do ser social, ou o que é o mesmo, do ser humano”⁶.

A narrativa assume a centralidade do trabalho na vida de Alice e, por meio dele, é construída a identificação que é fundamental para qualquer indivíduo². Com isso, fica clara a angústia e o sofrimento de Alice em várias cenas em que ela diz não se reconhecer mais, pois sua capacidade intelectual e de comunicação estavam sendo minadas pela doença. Isso decorre do Alzheimer, que evolui com perdas cognitivas e alterações comportamentais que levam ao comprometimento das habilidades da pessoa⁷, afetando e restringindo a sua capacidade de executar o trabalho, além de outras atividades significativas ou necessárias para ela.

Afastada de sua função na Universidade de Columbia, Alice é convidada para uma palestra na Associação Internacional de Alzheimer, uma organização voltada para pesquisas, tratamento dos pacientes e apoio a eles e aos seus cuidadores⁸. Sua participação como palestrante resgata, mesmo que por poucas horas, sua identidade profissional. Em seu discurso, diz que “em toda a sua vida acumulou memória”, que considerava ser seu bem mais precioso, mas sua realidade atual se voltava para a “arte de perder” e que as perdas mudam a percepção do doente sobre quem ele é, assim como, a percepção das pessoas sobre o doente.

Durante toda a trama, Alice tenta desesperadamente resgatar sua identidade por meio de “estratégias” para manter as funções cognitivas preservadas. Recorre a recursos mnemônicos que estimulam a atividade cerebral, tais como blocos de anotações, palavras cruzadas e marcadores de texto. São recursos muito utilizados na reabilitação cognitiva nas fases iniciais das demências e que têm a finalidade de aumentar a autonomia, compensar déficits cognitivos, reduzir demandas cognitivas e maximizar a qualidade de vida das pessoas que vivenciam a doença de Alzheimer⁹.

Apesar de todos os esforços de Alice para retardar a evolução da doença, o filme mostra como as funções são comprometidas dia após dia, em especial, a capacidade de comunicação, que é evidente, no início do filme, pelo esquecimento de objetos ou nomes de pessoas e evolui com o empobrecimento do vocabulário. Com o avançar da doença, Alice já não consegue mais se comunicar com a sua família. No estágio avançado, a doença causa comprometimentos na produção do discurso e na diminuição da espontaneidade, além da dificuldade de articular ideias e pensamentos. A diminuição da fala espontânea pode levar ao completo mutismo ou balbuciamiento de palavras soltas¹⁰⁻¹¹. No desfecho do filme, resta-lhe apenas uma palavra durante a conversa com sua filha caçula: “Love”. E a cena se encerra com uma tela branca, fazendo – mesmo que de forma não intencional – uma alusão ao “deu um branco”, ao completo esquecimento.

O filme mostra, com passagens emocionantes, as dificuldades de Alice na realização de atividades simples do dia a dia, como vestir-se e o controle das funções fisiológicas e, também, na realização de atividades mais complexas, como o preparo de refeições e o cuidado com os outros (por exemplo, com a neta). A doença de Alzheimer leva a um declínio funcional que afeta a capacidade do paciente saber “o que fazer” e “como fazer” as tarefas do cotidiano de forma independente e autônoma¹². A capacidade de realizar as atividades, que são significativas para a pessoa, é perdida de forma progressiva e gradativa em função dos déficits cognitivos inerentes à doença.

Nas cenas iniciais, o filme mostra Alice esquecendo etapas de uma simples receita de pudim de pão que fazia frequentemente. Na fase inicial da doença de Alzheimer, a capacidade cognitiva ainda está preservada, apesar das falhas de memória. Ao se esquecer da receita, Alice rapidamente encontra uma solução para contornar o problema. O domínio da capacidade cognitiva, neste estágio da doença, dificulta a percepção das outras pessoas que convivem com quem tem Alzheimer, pois a capacidade de resolução dos problemas ainda não está prejudicada¹³. Mais adiante, cenas de preparo de um chá são motivos de preocupação para a filha caçula, pois fica claro que a sua percepção sobre a capacidade da mãe executar tais atividades rotineiras mudou.

Momentos de tensão também são explorados no filme, quando o genro de Alice fica inseguro se deve ou não deixá-la segurar a neta no colo (cuidado com o outro). É comum em pacientes com Alzheimer, mesmo

no estágio intermediário da doença, julgarem-se aptos para realizar tarefas. Mas, a percepção do outro é, na maioria das vezes, comprometida pela fragilidade ou precariedade da sua condição.

As restrições impostas pela doença exigem cuidados especiais constantes. No filme, Alice recebe esses cuidados da família e de uma cuidadora profissional, que a auxilia na realização das atividades cotidianas. Em geral, a tarefa de apoiar uma pessoa com Alzheimer é desempenhada por familiares. Em um primeiro momento, na fase inicial da doença, em que a capacidade para a realização das atividades ainda se encontrava, em sua maior parte, preservada, os cuidados eram oferecidos pelo esposo John. O acompanhamento nas consultas médicas, a preocupação do local em que a esposa está, passeio pela praia, conversas e ajuda na troca de roupas são algumas demonstrações de cuidado oferecidas pelo marido à Alice. Esses cuidados são interrompidos quando ele recebe uma proposta de emprego em outra cidade e Alice se recusa a ir. Com o apoio dos filhos, John vai trabalhar em outra cidade e ela fica com uma cuidadora profissional.

Em certo momento do filme, a sua filha mais jovem resolve assumir esse papel. É importante destacar que essa filha possuía relacionamento conflituoso com a mãe, pois Alice não aceitava sua escolha profissional e tentava convencê-la a fazer faculdade. Lydia abre mão da sua carreira no teatro para dar suporte à mãe. O resgate de um bom relacionamento entre mãe e filha é um ponto alto do filme.

Quando se assume o papel de cuidadora, verifica-se uma necessidade de reorganizar a rotina e as prioridades dos envolvidos¹⁴. No filme, o que mais se aproximou do debate e das preocupações com os cuidadores foi a mudança de prioridades de Lydia, ao assumir o cuidado de Alice, abrindo mão de seu sonho. Já a tarefa árdua e ininterrupta de cuidados, a sobrecarga e o desgaste dos cuidadores, a rede de apoio para esses últimos e para as pessoas com Alzheimer¹⁵⁻¹⁶ não foram abordados no longa metragem, embora sejam fundamentais aos cuidados necessários à pessoa com Alzheimer.

Se demos ênfase ao filme, não podemos nos esquecer de como tudo começou. O livro de Lisa Genova, em pouco tempo, como ocorre frequentemente com filmes famosos, irá sobrepujar sua fama e bilheterias, e tornar-se um clássico da literatura sobre a enfermidade que marca, há decênios, os processos de vida e envelhecimento nas sociedades contemporâneas.

Referências

1. Lima MEA. A polêmica em torno da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. [local desconhecido]: Destarte; 2003.
2. Enriquez E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: Psicossociologia: análise social e intervenção. Belo Horizonte: Autêntica; 2001. p. 27-44.
3. Antunes R. Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6 ed. São Paulo: Boitempo Editorial; 2000.
4. Carvalho RAA. Reconfiguração de perfis entre os processos de inserção, “desinserção” e reinserção dos (novos) sujeitos trabalhadores. In: Globalização, trabalho e desemprego: um enfoque internacional. Belo Horizonte: C/Arte; 2001. p. 149-65.
5. Clot Y. La fonction psychologique du travail. Paris: PUF;1999.
6. Chasin J. O que é trabalho? s.ed.; 1993.
7. Machado JC. Doença de Alzheimer. In: Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2011. p.178-214.
8. Alzheimer Disease International. World Alzheimer Report 2014: dementia and risk reduction: an analysis of protective and modifiable factors. London: 2014. [citado 12 jan2015]. Disponível em: <http://www.alz.co.uk/research/world-report-2014>
9. Padilla R. Effectiveness of Occupational Therapy services for people with Alzheimer’s disease and related dementias. Am J Occup Ther. 2011 sep; 65(5): 487-89.

10. Brandão L, Parente MAM, Peña-Casanova J. Estratégias comunicativas de pessoas com doenças de Alzheimer. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2009; 23(2): 308-16.
11. Mansur LL, Carthery MT, Caramelli P, Nitrini R. Linguagem e cognição na doença de Alzheimer. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2005 set; 18(3): 300-07.
12. Novelli MMPC, Canon MBF. Avaliação da funcionalidade nos programas de reabilitação cognitiva. In: Abrisqueta-Gomez J. *Reabilitação neuropsicológica: abordagem interdisciplinar e modelos conceituais na prática clínica*. Porto Alegre: Artmed; 2012.
13. Hellen CR, Padilla R. Working with elders who have dementia and Alzheimer's disease. In: Padilla R, Byers-Connon S, Lohman HL. *Occupational Therapy with elders: strategies for de COTA*. 3rd ed. Atlanta: Elsevier, 2012.
14. Thinnes A, Padilla R. Effect of educational and supportive strategies on the ability of caregivers of people with dementia to maintain participation in that role. *The American Journal of Occupational Therapy*. 2011 sep; 65(5): 541-49.
15. Camacho, ACLF, Abreu LTA, Leite BS, Mata ACO, Marinho TF, Valente GSC. An integrative review about nursing care to people with alzheimer's and their caregivers. *Journal of Research Fundamental Caree on Line*. 2013 Jul; 5 (3): 186-93. [cited 2015 maio12]. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1731>
16. Novelli MMPC, Nitrini R, Caramelli P. Cuidadores de idosos com demência: perfil sociodemográfico e impacto diário. *Rev de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 2010 mai; 21(2): 139-47.